



emily roysdon

scenic, say

20.05.2017 – 02.09.2017

A Kunsthalle Lissabon apresenta *scenic, say*, a primeira exposição individual em Portugal da artista americana radicada em Estocolmo Emily Rosydon. A exposição encontra-se aberta ao público de 20 de maio a 2 de setembro de 2017.

A história *queer* e o espaço social têm ocupado uma posição central na prática de Emily Roysdon, resultando num método de trabalho interdisciplinar que tem dado origem a projetos que tomam a forma de performances, instalações fotográficas, textos, publicações, vídeos, projetos curatoriais e colaborações com outros artistas. No seu mais recente trabalho, *Uncounted*, em que trabalhou durante vários anos, Roysdon explorou noções de “políticas de transição” e “invisibilidade no tempo”. No centro deste projeto está um texto, em 23 partes, que problematiza um vocabulário de movimento, margem e transgressão. Baseado em textos de W.H. Auden, David Hammons e Gertrude Stein, o trabalho considera a “experiência incontrolável”, o que está para “além da vontade de medir”, colocando questões como “o que é o tempo senão ativismo?” e “que instrumentos temos?”

Para *scenic, say* Roysdon avança, ainda que partindo dessas 23 curtas peças textuais, que são abstratas, poéticas e políticas, para um projeto mais pessoal. Na Kunsthalle Lissabon usa a imagem fotográfica com vista ao aprofundamento de um sentimento de perda em relação à vitalidade do tempo. Usando tropos teatrais como perspectiva e proscênio, Roysdon dá a ver diversas variações das dinâmicas entre movimento, imagem, palco, vida e perda. A exposição combina um conjunto de imagens murais, impressas com recurso ao processo genérico e massificado da fotocópia, montadas em grelha, com uma série de colagens que ocupam o espaço expositivo de forma tridimensional, realizadas a partir de impressões fotográficas e serigráficas, onde um léxico simultaneamente pessoal, íntimo e político é avançado, e onde o contraste performativo entre as diferentes estratégias das imagens é tornado explícito.

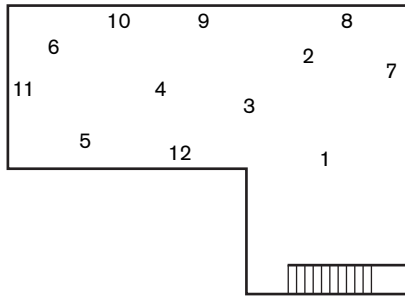
A sensação de perda é ainda tornada visível através da necessidade de um horizonte que repousa silenciosamente nas fotografias. As imagens parecem inacabadas, desiguais, unindo a ideia de um antes e de um depois. O texto de *Uncounted* ecoa em *scenic, say* já que fragmentos desse trabalho estão presentes nas colagens e na pilha de cartazes que o visitante pode levar consigo. Em *scenic, say* Emily Roysdon continua a sua pesquisa sobre o que está perdido no tempo e como isso pode ser encenado e memorizado. Pensando na morte e no teatro, oferece ao público um olhar poético sobre o seu imaginário pessoal, abstrato e político.

Kunsthalle Lissabon presents *scenic, say*, the first solo show in Portugal by Stockholm-based American artist Emily Roysdon, taking place from May 20th to September 2nd, 2017.

Queer history and social space have always interested Emily Roysdon generating an interdisciplinary working method with projects taking the form of performances, photographic installations, print making, texts, videos, curating and collaborations. Her notions about what it is ‘unseen in time’ and the politics of transitions had recently formed *Uncounted*, a site-specific project that has unfolded over several years through a series of related questions and visual vocabulary. At the core of the project is a 23 part text that engages a vocabulary of movement, margins and trespass. Drawing on texts by W.H. Auden, David Hammons and Gertrude Stein, the work considers “uncounted experience,” what is “beyond the will to measure,” posing such questions as “What is time if not activism?” and “What instruments have we?”

For *scenic, say* Roysdon is moving on from these 23 short pieces, which are by turns abstract, poetic and political, into a more personal project. At Kunsthalle Lissabon Roysdon uses photography to deepen a sense of loss in relationship to the aliveness of time. Using the theatrical tropes of perspective and prosceniums Roysdon exhibits variations of the dynamics between movement, image, stage, alive and lost. Through photography, printmaking and installation the exhibition combines gridded mural sized images with collaged silver gelatin works. These analog prints, also screen printed, are standing in the room, off the wall, in order to present the performative contrast between the image strategies and share the commitment of the artist to reanimate in scale the social space.

The sense of loss is further depicted via a need of a horizon which rests quietly in the photographs. The images appear unfinished, uneven, linking the idea of the before and the after. Roysdon’s text *Uncounted* echoes in *scenic, say* as fragments of that work are screen printed in the collaged works. In *scenic, say* Emily Roysdon shows her research into what is lost in time and how this is staged and memorialized. Thinking through death and theatre she offers the public a poetic glance of her personal, abstract and political imaginary.



1

Untitled (proscenium 2), 2017

Colagem de fotograma de gelatina de prata e serigrafia / silver gelatin photogram, screen print collage

2

Untitled (proscenium 6), 2017

Colagem de fotograma de gelatina de prata e serigrafia / silver gelatin photogram, screen print collage

3

Untitled (proscenium 5), 2017

Colagem de fotograma de gelatina de prata e serigrafia / silver gelatin photogram, screen print collage

4

Untitled (proscenium 3), 2017

Colagem de fotograma de gelatina de prata e serigrafia / silver gelatin photogram, screen print collage

5

Untitled (proscenium 4), 2017

Colagem de fotograma de gelatina de prata e serigrafia / silver gelatin photogram, screen print collage

6

Untitled (proscenium 1), 2017

Colagem de fotograma de gelatina de prata e serigrafia / silver gelatin photogram, screen print collage

7

Vanishing Point (open structure Fire Island), 2017

Impressão a laser / Laser jet print

8

Uncounted, 2015

Cartaz / Poster

9

Vanishing Point (Enid), 2017

Impressão a laser / Laser jet print

10

Vanishing Point (brutal), 2017

Impressão a laser / Laser jet print

11

Vanishing Point (piers), 2017

Impressão a laser / Laser jet print

12

Vanishing Point (February 15, 2012, New York Live Arts, choreographer Vanessa Anspaugh, with Aretha Aoki, Niall Noel Jones, Molly Leiber, Lydia Okrent, Mary Read), 2017

Impressão a laser / Laser jet print

Emily Roysdon (1977) é uma artista e escritora americana, a viver em Estocolmo. Foi editora e co-fundadora da revista queer e do coletivo artístico, LTTR. As suas muitas colaborações incluem desenho de figurinos para os coreógrafos Levi Gonzalez, Vanessa Anspaugh e Faye Driscoll, bem como letras de músicas para The Knife e JD Samson & MEN. Entre 2008 e 2010 Roysdon desenvolveu o conceito de "resistência estática" para falar sobre o impossível e o imaginário na política. O conceito passou a exposição em dois momentos simultâneos na Grand Arts, em Kansas City, e na Iniciativa X, em Nova York. Desde o ano de 2013 Roysdon tem vindo a desenvolver um vocabulário em torno do ensaio *Uncounted*. Os recentes projetos individuais incluem novas comissões para Secession, Viena; Tate Modern, Londres; PARTICIPANT, INC (NYC); If I Can't Dance, Amsterdão; Portland Institute of Contemporary Art, Visual Art Center, Austin; and The Kitchen, New York. O trabalho de Roysdon foi exibido no Museum of Modern Art, Nova Iorque; Bienal de Gwangju; Moderna Museet; Whitney Bienal; Nova Iorque, MoMA PS1; The Generational, New Museum e Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, entre muitos outros. Em 2012 foi finalista do Future Generation Art Prize, exibindo em Kiev e na Bienal de Veneza. Roysdon completou o Programa Independente do Whitney Museum Independent em 2001 e um MFA interdisciplinar na UCLA em 2006. É professora de arte na Konstfack em Estocolmo, na Suécia.

Emily Roysdon (1977) is a Stockholm-based, U.S. born artist and writer. She was editor and co-founder of the queer feminist journal and artist collective, LTTR. Her many collaborations include costume design for choreographers Levi Gonzalez, Vanessa Anspaugh and Faye Driscoll as well as lyric writing for The Knife, and Brooklyn based JD Samson & MEN. Between 2008 and 2010 Roysdon developed the concept "ecstatic resistance" to talk about the impossible and imaginary in politics. The concept debuted with simultaneous exhibitions that Roysdon curated at Grand Arts in Kansas City, and X Initiative in New York. The years 2013 through 2017 Roysdon has been developing a vocabulary around the essay *Uncounted*. Recent solo projects include new commissions from Secession, Vienna; Tate Modern, London; PARTICIPANT, INC (NYC); If I Can't Dance, Amsterdam; Portland Institute of Contemporary Art, Visual Art Center, Austin; and The Kitchen, New York. Roysdon's work has been exhibited at the Museum of Modern Art, New York; Gwangju Biennale; Moderna Museet; Whitney Biennial; Greater New York, MoMA PS1; The Generational, New Museum; and Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid amongst many others. In 2012 she was a finalist for the Future Generation Art Prize, exhibiting in Kiev and the Venice Biennale. Roysdon completed the Whitney Museum Independent Study Program in 2001 and an Interdisciplinary MFA at UCLA in 2006. She is a Professor of Art at Konstfack in Stockholm, Sweden.



**kunsthalle
lissabon**

Rua José Sobral Cid 9E
1900-289 Lisboa, Portugal
www.kunsthalle-lissabon.org
info@kunsthalle-lissabon.org
#kunsthallelissabon